

ARTIGO

Atualizar é heresia?
DISPUTAS EM TORNO DA
PALAVRA “ATUALIZAÇÃO”
NO CAMPO EVANGÉLICO
BRASILEIRO (2020-2021)

WALDEREZ RAMALHO

Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis | Santa Catarina | Brasil
walderezramalho@gmail.com
orcid.org/0000-0002-1314-6995

MAYRA DE SOUZA MARQUES

Universidade Federal de Ouro Preto
Ouro Preto | Minas Gerais | Brasil
mayrasmrqs@gmail.com
orcid.org/0000-0002-8120-4405

Este artigo analisa a polêmica que se instaurou no meio evangélico brasileiro quando o pastor batista Ed René Kivitz realizou um sermão em 25 de outubro de 2020, no qual afirmou que a Bíblia precisaria ser *atualizada*. Esse episódio despertou fortes reações entre fiéis, pastores e teólogos, culminando no desligamento do pastor Kivitz da Ordem dos Pastores Batistas Brasileiros (OPBB) em dezembro de 2021. Nosso argumento é que o “caso Kivitz” manifesta a pluralidade das formas de *atualização*, não sendo possível reduzir esse conceito a sua forma especificamente *atualista*, o que converge com o argumento proposto por Valdeci Araujo e Mateus Pereira no livro *Atualismo 1.0*. Para desenvolver o nosso argumento, procedemos em três etapas. Primeiro, apresentamos um breve esboço histórico dos usos do conceito de atualização no contexto teológico, notadamente o caso emblemático do Concílio Vaticano II. A seguir, apresentamos algumas posições que surgiram no contexto do caso Kivitz, delineando os principais significados que foram atribuídos à palavra “atualização”. Por fim, analisamos o discurso de defesa escrito por Ed René Kivitz, no intuito de mostrar como o pastor batista buscou conciliar a perenidade dos princípios bíblicos com a afirmação da historicidade das Escrituras.

História do Tempo Presente—Protestantismo—Hermenêutica

Este artigo não teria sido possível sem o apoio e estímulo de muitas pessoas, dentre as quais fazemos questão de mencionar: Valdeci Araujo, Mateus Pereira, Juscelino Barros, Breno Mendes, Leonardo Queiroz, Luíza Campos. Agradecemos também à CAPES pelo financiamento da pesquisa de doutorado de Mayra de Souza Marques.

ARTICLE

Is updating a heresy?
DISPUTES AROUND THE
WORD “UPDATE” IN THE
BRAZILIAN EVANGELICAL
FIELD (2020-2021)

WALDEREZ RAMALHO

Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis | Santa Catarina | Brasil
walderezramalho@gmail.com
orcid.org/0000-0002-1314-6995

MAYRA DE SOUZA MARQUES

Universidade Federal de Ouro Preto
Ouro Preto | Minas Gerais | Brasil
mayrasmrqs@gmail.com
orcid.org/0000-0002-8120-4405

This article analyzes the controversy that arose in Brazilian evangelical circles when Baptist pastor Ed René Kivitz delivered a sermon on October 25, 2020, in which he stated that the Bible needed to be *updated*. This episode aroused strong reactions among many church-goers, pastors and theologians, and culminated in the dismissal of Pastor Kivitz from the Order of Brazilian Baptist Pastors (OPBB) in December 2021. We claim that the “Kivitz case” manifests the plurality of forms of *updating*, not being possible to reduce this concept to its specifically *update* form, which aligns with the argument proposed by Valdeci Araujo and Mateus Pereira in their book *Atualismo 1.0*. To develop our argument, we proceed in three steps. First, we present a brief historical outline of the uses of the concept of *updating* in the theological context, notably the emblematic case of the Second Vatican Council. In the second part, we present some positions that emerged in the context of the Kivitz case, outlining the main meanings that have been attributed to the word “updating”. Finally, we analyze the defense speech written by Ed René Kivitz, in order to show how the Baptist pastor sought to reconcile the perennality of the biblical principles with the affirmation of the historicity of the Scriptures.

History of the Present—Protestantism—Hermeneutics

INTRODUÇÃO

No dia 25 de outubro de 2020, foi publicado no YouTube um vídeo no qual o pastor Ed René Kivitz, da Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo, faz seu sermão dominical sobre a Carta de Paulo a Filemon. Nessa epístola, Paulo admoesta Filemon, seu irmão na fé, a receber de volta seu escravo Onésimo, que havia fugido e que o apóstolo havia conhecido e convertido ao cristianismo. O essencial da mensagem de Paulo era a afirmação da necessidade do perdão, embora o apóstolo não chegou a propor a subversão da escravidão: Filemon deveria perdoar seu escravo e recebê-lo de volta como irmão em Cristo, pois isso seria prestar um serviço à Igreja. Assim, o apóstolo requeria uma mudança de atitude interior por parte de seu interlocutor, que seria mais importante do que romper com a instituição da escravidão.

Ao comentar essa epístola de Paulo, o pastor Kivitz propõe uma interpretação crítica ao apontar que o apóstolo não se mostrou incomodado com a condição de escravo de Onésimo. Kivitz assevera que, nos dias de hoje, seria inadmissível aceitar a escravidão com a naturalidade que Paulo tratou da questão, pois os tempos são outros. Usando o exemplo da Carta a Filemon, o pastor demonstra como o texto bíblico está condicionado a um tempo em que a escravidão era comum e, por isso, Paulo não sentiu estranhamento, muito embora tivesse consciência de que o Evangelho de Jesus Cristo extinguiu as hierarquias entre os humanos. Para Kivitz, seria necessário ser crítico em relação a esse fato histórico (a escravidão) mas, ao mesmo tempo, deve-se também levar em conta que a posição de cada sujeito na história implica diferentes concepções sobre o significado de ser cristão - o que varia segundo cada contexto particular. O sermão de Kivitz de outubro de 2020 despertou uma enorme polêmica no meio evangélico brasileiro. A razão da querela não foi, no entanto, o fato de o pastor ter criticado a maneira como Paulo tratou o tema da escravidão na referida epístola. O que chamou a atenção e, em muitos casos, gerou revolta em muitos líderes religiosos evangélicos foram os argumentos em torno de duas palavras que o pastor usou no seu sermão para se referir à Bíblia: *insuficiência* e *atualização*. Dos quase cinquenta minutos de sermão, é o trecho a seguir que gerou repercussão nas redes sociais e nos meios religiosos, levando a um debate sobre a necessidade ou não de se “atualizar a Bíblia”. Pedimos licença ao leitor para reproduzir *in extenso* a passagem em questão:

Eu leio essa carta de Paulo a Filemon e penso da seguinte maneira: essa carta é insuficiente para mim. Talvez esse seja o grande desafio da igreja contemporânea: olhar a Bíblia como um livro insuficiente. Um livro que precisa ser relido, ressignificado para que os princípios de vida que esse livro encerra, que essa revelação encerra, que esses princípios de vida saltem dessas páginas promovendo libertação e justiça e relações de amor no nosso mundo [...] é nesse sentido que estou dizendo que a Bíblia é insuficiente: a ética bíblica reflete uma estrutura de sociedade daquele tempo, daquele mundo, daquela época. E não dá pra gente pegar um texto que foi escrito 4.000 anos antes, 3.000 anos, 2.000 anos, e trazer para hoje, aplicando literalmente o que esse texto está dizendo, sem perceber que nas suas linhas a Bíblia é insuficiente, mas nas suas entrelinhas, na revelação que traz a respeito do Cristo ressurreto, a Bíblia explode promovendo uma grande revolução e uma grande transformação no mundo. Então a gente precisa atualizar a Bíblia, porque se eu não atualizo a Bíblia, e se eu leio literalmente e digo “está suficiente a leitura literal da Escritura”, eu legitimo escravidão. Da mesma forma que tem gente ainda hoje legitimando o machismo dizendo que “o marido é o cabeça da mulher e

que a mulher tem que ser submissa”, e não leu direito a Escritura, não atualizou a Escritura. [...] Então, se queremos ser cartas para um novo mundo, e se a igreja quer ser carta para o novo mundo, vamos precisar atualizar as Escrituras, vamos ter que fazer essa atualização e ter essa coragem de enfrentar os pecados de gênero da nossa sociedade, enfrentar a questão da homossexualidade, da homoafetividade, dos gays que frequentam as nossas comunidades, estão dentro das nossas comunidades, mas continuam sendo condenados ao inferno por causa de dois ou três textos bíblicos que não foram atualizados.[...] Não é possível ler a Bíblia como se não tivéssemos 2.000 anos de civilização humana, dois mil anos de Espírito Santo iluminando a igreja.[...] Eu oro a Deus que a palavra de Deus seja atualizada e exploda no seu coração como uma profecia contra todas as relações hierarquizadas, e um anúncio profético de relações igualitárias, em nome de Jesus, sob um mesmo Pai, no poder do Espírito Santo. Que nós sejamos cartas vivas para um novo mundo. E cartas vivas para um novo mundo anunciam novidades. Buscam o que é antigo, atualizam o antigo, para que o antigo que é vivo se faça novo, gerando novidades num novo mundo (Kivitz 2020a, grifos nossos).

Muitos pastores e teólogos pertencentes a diversas denominações se pronunciaram em redes sociais e através de sites evangélicos para manifestar apoio ou crítica ao sermão de Kivitz. Alguns entenderam a proposta de atualização feita pelo pastor Kivitz como um ataque frontal à inerrância bíblica; outros como uma proposta de reformulação; e outros ainda como um princípio hermenêutico básico, isto é, a leitura contextualizada das Escrituras. De todo modo, o centro de toda a polêmica estava no uso do conceito de *atualização*. Vale lembrar que esta não foi a primeira vez que o uso do termo “atualização” no contexto religioso despertou reações e polêmicas de grande proporção. O exemplo mais notório foi sem dúvida o Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII em 1962 e que tinha como palavra-chave o termo *aggiornamento*, que significa “atualização” em italiano. Retomaremos esse assunto na próxima seção deste artigo.

Entre o Concílio Vaticano II e o sermão de Kivitz passaram-se quase 60 anos. É justamente nesse íterim que Valdeci Araujo e Mateus Pereira identificaram uma aceleração vertiginosa dos usos da palavra “atualizar” e suas derivações lexicais no vocabulário político e social contemporâneo, sendo esse o ponto de partida que os autores utilizaram para desenvolver a hipótese sobre o *atualismo*. A ascensão e disseminação das tecnologias digitais contribuíram de forma decisiva para que o termo “atualizar” ganhasse maior pregnância social, o que não deixou de ter impacto na constituição semântica do termo. Inclusive, a associação entre “atualização” e as tecnologias digitais apareceu nas reações feitas ao sermão do pastor, conforme será visto mais adiante neste artigo. Apenas adiantamos esse ponto para lembrar que os sentidos de “atualizar” são plurais, de modo que nem toda forma de atualização pode ser considerada *atualista*. Esta última designa uma modalidade particular, a saber, a atualização como um processo de reprodução automática dos sistemas sociais já existentes que dispensa a agência humana na história. Para os autores, o atualismo configura uma forma de experiência do tempo histórico em ascensão na contemporaneidade digital, e que encontra nos celulares e computadores “uma metáfora e uma estrutura arquetípica das temporalizações do atualismo” (Araujo; Pereira 2018, 97). Portanto, a hipótese do atualismo não se confunde com algo como uma “teoria geral da atualização”, pois esta última deve abarcar a variedade das formas de atualizar. Tanto é assim que Araujo e Pereira, ainda nos

agradecimentos do livro, enfatizam que “nem toda forma de atualizar é atualista” (Araujo; Pereira 2018, s.p.).

Este é o ponto central da argumentação desenvolvida neste artigo. Tomamos o “caso Kivitz” como um exemplo histórico concreto e “atual” da pluralidade das formas de atualização (atualistas e não atualistas). Essa pluralidade não está isenta de conflitos, e o caso aqui em análise demonstra isso de forma muito clara. Com efeito, a magnitude da polêmica pode surpreender aqueles(as) que não pertencem ou não acompanham o mundo evangélico brasileiro – e a rigor, esse é também o caso dos autores deste trabalho¹. Portanto, não é nossa intenção neste artigo propor uma reflexão sobre o protestantismo no Brasil contemporâneo, embora obviamente esse seja um assunto de grande importância para pensar a realidade brasileira nesta atual quadra histórica.²

Em vez disso, nosso objetivo neste artigo é investigar as disputas em torno dos sentidos da palavra atualização, com vistas a contribuir para uma reflexão sobre a pluralidade das formas de atualizar – tema central para a hipótese do atualismo. Maria Inés Mudrovic (2018), opondo-se à opinião de Jessé Souza sobre uma suposta irracionalidade dos eleitores evangélicos que, em sua maioria, ajudaram a eleger Jair Bolsonaro como presidente do Brasil em 2018, diz que a compreensão da influência religiosa na atualidade é uma oportunidade para que pensemos, enquanto teóricos da história, em novas ferramentas epistemológicas que deem conta de analisar o fenômeno religioso sem subalternizá-lo. Desta forma, acreditamos que o debate provocado pelo sermão do pastor Ed René Kivitz traz à tona a diferença na compreensão da historicidade dos textos bíblicos entre os praticantes de uma determinada fé, explicitada pela forma como cada um deles entende a necessidade (ou não) e a possibilidade (ou impossibilidade) de atualizá-los. O atualismo enquanto categoria analítica, no caso Kivitz, é aplicado por nós com o objetivo de compreender de que forma a atualização é compreendida em um meio que não aquele da história acadêmica e como algumas características do atualismo e do que chamamos de atualização histórica podem ser percebidas nos argumentos desenvolvidos pelos pastores e teólogos envolvidos neste debate. Acreditamos, por fim, que este dilema religioso pode ser uma oportunidade para aproximarmos a teoria da história da intensa realidade religiosa brasileira, não para objetificá-la e subalternizá-la, mas para dela apreender novas possibilidades de pensar as diferentes relações com o tempo e com a historicidade no contexto em que nós, autores, nos encontramos, levando em conta a importância da religião, em especial o cristianismo evangélico, na realidade brasileira contemporânea.

Após termos um primeiro contato com o episódio do sermão de Kivitz, fizemos uma ampla busca na internet para recuperar as mais diversas manifestações que repercutiram o caso, tanto a favor como contra a ideia de atualização da Bíblia. No processo da pesquisa, elaboramos uma volumosa tabela para sistematizar essas falas, situando os seus respectivos autores e identificando as camadas de sentido atribuídas ao conceito de atualização. Também levamos em consideração o discurso de defesa do pastor Kivitz após ter sido notificado pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB) para se explicar pela sua

¹ Nosso primeiro contato com o caso foi por intermédio do historiador Juscelino Barros, que atualmente é doutorando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Aproveitamos para agradecer ao Juscelino por ter propiciado o *insight* inicial para este artigo.

² A esse respeito, ver Mata (2020) e Spyer (2020).

fala, e que foi publicado em e-book (Kivitz 2021a). Para não causar nenhum suspense no(a) leitor(a) deste artigo, já adiantamos que esse discurso de defesa não foi suficiente para que o pastor Kivitz evitasse a sua expulsão da OPBB, que se concretizou em dezembro de 2021.

Nosso estudo demonstrou a existência de uma complexa polissemia do conceito de atualização, o que corrobora com a já citada afirmação de Araujo e Pereira de que nem toda forma de atualização é exatamente atualista. Inclusive, nessa variedade de significados foi possível identificar a presença de uma atualização que pode ser chamada de *histórica*, especialmente quando a palavra é concebida como um princípio hermenêutico. Para desenvolver o nosso argumento, procedemos em três etapas. Primeiro, apresentamos um breve esboço histórico dos usos do conceito de atualização no contexto teológico, notadamente o caso emblemático do Concílio Vaticano II. A seguir, apresentamos algumas posições que surgiram no contexto do caso Kivitz, delineando os principais significados que foram atribuídos à palavra “atualização”. Por fim, analisamos o discurso de defesa escrito por Ed René Kivitz, no intuito de mostrar como o pastor batista buscou conciliar a perenidade dos princípios bíblicos com a afirmação da sua historicidade.

ANTECEDENTES DO USO DA PALAVRA “ATUALIZAÇÃO” NO CONTEXTO TEOLÓGICO CRISTÃO *o caso do Concílio Vaticano II*

O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII através da bula *Humanae Salutis*, na qual a Igreja Católica reconheceu que a modernidade, ao mesmo tempo em que se caracterizava pelo progresso técnico e científico, também era marcada pelas "consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus" (João XXIII 1961, n.p.). Sua intenção principal era fomentar o *aggiornamento* (atualização em italiano) dentro da Igreja, no intuito de reaproximá-la das necessidades do presente. Esse concílio trouxe transformações como a descentralização do poder do Papa, dando mais autonomia aos bispos; a realização das missas em língua vernácula em vez do latim; o reconhecimento dos meios de comunicação em massa como possíveis instrumentos de evangelização; a aceitação de que pessoas de outras religiões pudessem ser salvas pela sua fé em Deus, dentre outras. Nosso objetivo aqui, no entanto, não é abordar as transformações causadas pelo *aggiornamento*, mas sim identificar as diferentes interpretações dadas a esta palavra entre alguns membros da Igreja Católica, para mostrar como a ideia de atualização dentro do campo religioso também era objeto de fortes polêmicas.

As diferentes interpretações sobre o que seria o *aggiornamento* proposto no Concílio Vaticano II não se limitaram ao período de atuação do concílio, mas continuaram a ser trazidas à baila nos anos seguintes. Durante a celebração dos 50 anos do Concílio Vaticano II, o Papa Bento XVI declarou que a modernização da Igreja não significa sua reformulação; a atualização deve ser entendida como uma renovação na compreensão dos sacramentos da Igreja, e não com uma hermenêutica da ruptura: “Esta percepção do cristianismo ter perdido o presente e da tarefa que daí derivava estava bem resumida pela palavra ‘atualização’: o cristianismo deve estar no presente para poder dar forma ao futuro.” (Bento XVI, 2012, n.p.). Assim, de acordo com Joseph Ratzinger, podemos entender a ideia de atualização como uma adaptação às necessidades

cristãos do presente e que inclui um plano de futuro. Tal plano, no entanto, não foi unânime entre os participantes do concílio iniciado em 1962, assim como não o foi a compreensão de o que deveria ser a “atualização da Igreja”.

O arcebispo francês Monsenhor Marcel Lefebvre (1905-1991) foi um dos mais expoentes críticos das mudanças sugeridas pelo movimento de *aggiornamento*. Unindo-se a outros bispos e participantes do concílio de viés mais conservador, Lefebvre criou o *Coetus Internationalis Patrum*. Esse grupo buscou combater possíveis influências liberais e comunistas nas decisões conciliares, e teve seus primeiros encontros já em 1962 (Roy-Lysencourt 2015, 1058), mas institucionalizou-se e adotou este nome apenas em 1964 (Caldeira 2009, 182). Além de Lefebvre, dois dos fundadores deste grupo de opositoristas ao *aggiornamento* eram os brasileiros Dom Geraldo Sigaud (1909-1999), Arcebispo de Diamantina (MG), e Dom Antônio de Castro Mayer (1904-1991), Bispo de Campos (RJ). Ambos eram amigos próximos de Plínio Corrêa de Oliveira (1908-1995), fundador da organização tradicionalista Tradição, Família e Propriedade (TFP), também crítico do movimento de atualização da igreja:

É penoso dizê-lo. Mas a evidência dos fatos aponta, neste sentido, o Concílio Vaticano II como uma das maiores calamidades, se não a maior, da História da Igreja. A partir dele penetrou na Igreja, em proporções impensáveis, a “fumaça de Satanás”, que se vai dilatando dia a dia mais, com a terrível força de expansão dos gases. Para escândalo de incontáveis almas, o Corpo Místico de Cristo entrou no sinistro processo da como que [sic] autodemolição. (Oliveira 1998, 57)

A “fumaça de Satanás” foi uma expressão usada pelo Papa Paulo VI em 1972 para externalizar a sua decepção com o período pós-concílio, no qual esperava-se dias melhores para a religião católica mas, segundo o pontífice, o que se viu foi um aumento na inquietação e na dúvida em relação à Igreja (IX Aniversário 1972, n.p.). Em uma crônica de 1965, o bispo italiano e membro do *Coetus* Luigi Carli reconheceu a importância do Concílio, mas também apontou que o mesmo propiciou o surgimento de interpretações equivocadas do que seria o *aggiornamento*:

Não é um mistério para ninguém que enquanto a Igreja, através do Concílio, está aperfeiçoando a própria atualização, acorrentam-se no seu seio fenômenos que deformam o sentido e estendem abusivamente os limites de uma genuína atualização (*aggiornamento*). Com vivíssima preocupação, a Hierarquia Eclesiástica assiste ao serpear de doutrinas e comportamentos que, se ainda não confirmados na heresia, pouco falta para isto. (Carli *apud* Caldeira 2009, 218, grifos nossos).

Assim, percebe-se que há, segundo Carli, um tipo de atualização que é “genuína”, mas o alargamento exacerbado dessa atualização pode ser herético. Duas das principais preocupações dos católicos conservadores naquele período eram uma possível aproximação da Igreja com ideais comunistas e a modificação do rito tridentino. Logo, qualquer atualização que pudesse relacionar-se a esses temas poderia ser considerada um ataque contra o catolicismo. Dino Staffa (1906-1977), cardeal próximo do *Coetus*, em uma das discussões sobre a formação dos sacerdotes durante o concílio, teria dito que, no movimento em busca de *aggiornamento*,

Há quem deseje abandonar os tesouros filosóficos e teológicos que a Igreja sempre considerou como muito preciosos [...]. No entanto, não há progresso sem verdade e a verdade que vem do passado a Igreja não pode renunciar [...]. A Igreja, de fato, não quer impor como perene o que é contingente. Mas a doutrina de S. Tomás pela força com que adere às verdade [sic] eternas não é própria da Idade Média, mas de todos os tempo(s) [sic] (Klop IV *apud* Caldeira 2009, 216).

A verdade que vem do passado da Igreja, segundo o cardeal, é uma “verdade eterna”, e apenas mantendo-a seria possível “progredir”. Ou seja, a atualização da Igreja não poderia significar o abandono de suas verdades perenes. Na mesma linha de Carli e Staffa, Castro Mayer entendia o *aggiornamento* como “uma adaptação, na maneira de expor a doutrina católica, de sorte que possa atrair o homem moderno de espírito reto” (Mayer 1971, n.p.). No entanto, o bispo de Campos afirmou que a ideia de atualização foi deturpada por alguns membros da Igreja que estavam dispostos a transformarem-na radicalmente. Para os membros do *Coetus*, a atualização deveria ocorrer apenas na forma de se transmitir a tradição católica, mas não em suas práticas; atualizar a Igreja não implicava uma transformação substantiva da milenar instituição, mas sim uma adaptação de suas doutrinas eternas à linguagem da época presente. Em resumo, o princípio da atualização se limitava ao plano da comunicação, mas não dos dogmas da Igreja Católica.

Mesmo com a resistência organizada do *Coetus*, algumas mudanças que foram criticadas por eles permaneceram, como a transformação dos ritos da Missa e a sua celebração em língua vernácula. No entanto, até hoje existem discussões sobre o que é o *aggiornamento* católico, e há ainda religiosos de viés conservador que celebram o rito tridentino - como é o caso dos sedevacantistas. No entanto, há quem compreenda que essa atualização não apenas foi realizada, como deve continuar acontecendo para que a religião católica se mantenha viva. A compreensão do *aggiornamento* como uma categoria teológica, proposta pelo teólogo Geraldo de Mori, entende que a relação entre passado, presente e futuro feita por este movimento se dá pelo retorno às fontes, buscando redescobrir no passado novas possibilidades para o catolicismo; na compreensão dos sinais dos tempos encontrados no presente (este último entendido no sentido religioso de *kairós*³); e na abertura para um futuro passível de mudanças. De acordo com Mori, o *aggiornamento* não deve ser algo restrito ao contexto do Concílio Vaticano II, mas sim algo constitutivo do fazer teológico “de toda fé que queira de fato dar as razões de sua esperança” (De Mori 2012, 20).

Essa concepção de *aggiornamento* como uma redescoberta de novas possibilidades através da análise do passado e com vistas a um futuro diferente aparecerá também na ideia de atualização do pastor Ed René Kivitz, que analisaremos a seguir.

³ Para uma análise sobre o conceito de *kairós* e suas relações com a historicidade e a teologia, cf. Ramalho 2022.

A POLÊMICA SOBRE OS SENTIDOS DE “ATUALIZAÇÃO” NO CASO KIVITZ

O caso envolvendo o pastor Ed René Kivitz chamou a nossa atenção por estar centrado na ideia de *atualização*. Embora a mídia secular pareça não ter abordado o assunto com tanta expressividade, em sites evangélicos o sermão de Kivitz foi muito criticado por diversos pastores e teólogos. Nesta seção, exporemos a disputa de significados em torno da palavra *atualizar* na polêmica protagonizada pelo pastor Kivitz.

Como já afirmamos no início deste artigo, a querela se instaurou quando o pastor Kivitz propôs que a Bíblia fosse atualizada, argumentando que a leitura literal das Escrituras seria insuficiente para as necessidades do cristão contemporâneo (Kivitz 2020a). Como se pode depreender, o termo “atualização” foi usado pelo pastor batista no contexto de uma discussão hermenêutica, postulando a necessidade de se fazer uma interpretação dos textos bíblicos que fosse mais atinente e adaptada ao momento histórico presente – um momento de demandas pela igualdade de direitos dos diferentes grupos sociais, como mulheres, homossexuais e pessoas negras. De acordo com Kivitz, a atualização que deveria ser feita na leitura da carta de Paulo a Filemon já estava preconizada no Evangelho, pois, em sua vinda ao mundo, Jesus já teria eliminado qualquer forma de hierarquia entre os humanos. Este seria um exemplo do que o pastor chamou depois de “bombas de tempo” (Kivitz 2021a): significados que estão presentes nas entrelinhas dos textos bíblicos e que, através de sua *atualização*, convidam os fiéis a provocar transformações em sua vida e em seu tempo. Essas “bombas de tempo” podem ser compreendidas como aquilo que Paul Ricoeur, aplicando uma visão psicanalítica à hermenêutica, chamou de sentido latente do texto (Ricoeur 1969, 145; Mendes 2021).

Apenas quatro dias após a transmissão deste primeiro sermão, no dia 29 de outubro de 2020, o pastor Kivitz, reagindo à polêmica que já havia explodido na internet, veio a público explicar aos seus correligionários a sua fala sobre a necessidade de atualização da Bíblia (Kivitz 2020b). Após lamentar as mensagens raivosas que recebeu em suas redes sociais, Kivitz explicou que a atualização do texto bíblico não seria nenhuma novidade, e sim algo que já acontece na prática religiosa. Ele se referia à atualização como uma compreensão que vai além da literalidade do texto e que permite adaptar os ensinamentos bíblicos a situações que, no tempo em que os textos foram escritos, ainda não estavam no horizonte, como alguns avanços científicos, por exemplo. Nesse caso, a palavra “atualizar” não pretende se referir a uma reescrita nem a uma reedição da Bíblia, argumentou o pastor.

Mesmo após este vídeo explicativo, muitas lideranças evangélicas se manifestaram sobre a proposta de Kivitz a respeito da “atualização da Bíblia”. Alguns não se incomodaram com a proposta em si, mas com o uso de uma palavra inapropriada: para o teólogo Ismael Oliveira, o Novo Testamento já é uma atualização do Velho Testamento, mas o que Kivitz parece ter proposto, ao seu ver, é mais uma “interpretação” da Bíblia do que a sua “atualização”, já que esta última palavra passaria a impressão de que haverá uma reescrita (Oliveira 2020). Em uma linha de raciocínio semelhante em alguns aspectos, o pastor Luciano Peterlevitz (Igreja Batista de Sumaré-SP) disse preferir o termo “contextualizar”, pois “atualizar” pode significar “adequar” ou ainda “modificar, alterar”, o que não estaria de acordo com o princípio protestante da *Sola Scriptura*,

segundo o qual a Bíblia é o único guia da conduta cristã (Peterlevitz 2020). Já o pastor Samuel Santos (Igreja Batista de Poconé-MT) acredita que a Igreja pode e deve ser atualizada e contemporânea a seu tempo através da contextualização da mensagem bíblica, mas sem transformá-la. Também o pastor Paulo Böhm (Igreja do Mover, Canoas-RS) entende que o que deve ser atualizado é a linguagem através da qual os ensinamentos são transmitidos, para que sejam compreendidos no mundo coevo (Caceres 2020).

Em um artigo publicado no site Gospel Prime, o jornalista assembleiano Miguel Caceres, editor do referido portal, reuniu algumas manifestações feitas por lideranças evangélicas sobre o polêmico sermão de Kivitz. O Arcebispo da Igreja Anglicana no Brasil, Miguel Uchoa, também entende que a palavra contextualização é a mais adequada para se referir à interpretação dos textos bíblicos que já ocorre no dia a dia religioso, pois adequa a linguagem dos mesmos sem descaracterizá-los. Ao mesmo tempo, ele acredita que há setores protestantes heterodoxos que desenvolvem teologias liberais e não aceitam que a Bíblia, assim como Jesus ou o apóstolo Paulo, são “ortodoxos” (Caceres 2020). De forma parecida, há alguns pastores que percebem uma certa pressão feita por setores progressistas, por eles chamados de “liberais”, para que a religião seja atualizada, mas se para o bispo Abner Ferreira (Assembleia de Deus Ministério de Madureira-RJ) o desejo de atualização está presente desde os tempos de Jesus, para o pastor Danilo Figueira (Comunidade Cristã de Ribeirão Preto-SP) esse mesmo desejo seria um indício do fim dos tempos (Caceres 2020). O pastor Israel Belo de Azevedo (Igreja Batista Itacuruçá-RJ) vê essa demanda por atualização da Bíblia como algo presente em todas as épocas, que desejavam adaptar as Escrituras de acordo com suas ideologias; no entanto, os princípios bíblicos são perenes e o que deveria ser feito é apenas interpretá-los à luz do contexto histórico em que foram enunciados (Caceres 2020). Na mesma linha de defesa da contextualização em vez da atualização, o pastor Carlito Paes (Igreja da Cidade em São José dos Campos – SP) disse que quem deve se atualizar é o leitor, já que o texto bíblico é eterno (Caceres 2020).

Até agora, vimos os argumentos de pastores e teólogos que, embora não concordem com a *atualização* da Bíblia, entendem que esta palavra talvez tenha sido mal empregada, preferindo falar em *contextualização*. Os princípios contidos na Bíblia seriam perenes, mas a linguagem e a forma de transmissão destes princípios é o que poderia ser atualizada – o que guarda semelhanças com certas posições identificadas na seção anterior sobre o significado de *aggiornamento* no contexto do catolicismo. Dessa forma, esse tipo de argumento dá margem para a compreensão do sermão de Kivitz como um “mal-entendido” devido ao uso de uma palavra inapropriada.

No entanto, outros religiosos se contrapuseram totalmente à proposta de atualização, qualificando-a taxativamente como uma heresia. O que expôs de forma mais clara o seu repúdio foi o pastor Silas Malafaia (Assembleia de Deus Vitória em Cristo), em um vídeo com sua conhecida linguagem inflamada. Para esse pastor, a Bíblia seria o instrumento da verdade teológica cristã, sendo o único livro que possuiria, em suas palavras, os “quatro pilares do conhecimento”: filosófico, teológico, científico e vulgar/empírico. Em sua intervenção, Malafaia afirmou que a Bíblia seria “tão atual” que ela aborda passado, presente e futuro, futuro esse tanto terreno como da vida eterna. Ainda segundo Malafaia, a Bíblia já teria advertido os fiéis sobre os “hereges” que iriam querer atualizá-la disfarçados de religiosos. A Bíblia transcende a existência humana e entra na eternidade, por isso, ela é “sempre atualíssima”, segundo

Malafaia. Ele disse que os hereges querem adaptar a Bíblia à vida de pecados e qualifica várias vezes a “atualização da Bíblia” como uma heresia (Malafaia 2020). A necessidade de uma atualização da Bíblia também foi terminantemente negada pelo teólogo Lourenço Rega, que entende que é a Bíblia que atualiza o leitor, e não o contrário, pois seus ensinamentos são eternos (Rega 2020). Já o pastor Valdomiro Pereira não apenas nega a necessidade de atualização, como não vê nenhuma possibilidade de atualização da Bíblia, já que ela é imutável e “transcende os aspectos temporais” (Caceres 2020). Também o cantor gospel Pastor Lucas (Comunidade Evangélica Vida no Altar, Artur Nogueira – SP) disse não crer na possibilidade de atualizar a Bíblia, mas apenas a forma de transmitir a sua mensagem. Ele questiona: “Como posso atualizar as histórias se elas já ocorreram? Também não posso atualizar as profecias, pois a sua maioria também já ocorreu. Então só me resta atualizar as doutrinas de Jesus. É isso?” (Pr. Lucas 2020). Ou seja, na visão deste pastor, não é possível atualizar o que já está no passado, pois até mesmo as profecias já teriam se realizado.

Contudo, nem todas as manifestações sobre o sermão do pastor Kivitz foram de crítica ou desaprovação. O jovem pastor Victor Azevedo (Igreja Por Amor, Santo André-SP) postou em suas redes sociais que muitas igrejas estão “virando museu” porque não têm coragem de promover mudanças (Gospel Prime 2020). Embora ele não tenha usado propriamente a palavra “atualizar”, como ele se refere ao sermão de Kivitz, entende-se que a mudança proposta aqui é uma atualização, e que o “virar museu”, em sua acepção, significa deixar de ter utilidade no presente e se tornar algo que fez parte de um passado que já não existe mais. De forma mais elaborada, o pastor Sérgio Dusilek, doutor em hermenêutica bíblica pela UFJF e pastor da Igreja Batista de Marapendi - RJ, saiu em defesa da proposta de Kivitz argumentando que a atualização dos textos bíblicos é uma lei hermenêutica, e quem a nega está ignorando o fato de que todo texto é atualizado automaticamente no momento de sua leitura⁴. De forma parecida com o pensamento do pastor Victor, mas fazendo um paralelo com as tecnologias da informação, o pastor Dusilek diz que todo sistema que não deseje se atualizar acaba por ser superado ou abandonado. Ele também chama a atenção para o fato de que as palavras atualidade e atualização, embora parecidas, não designam o mesmo movimento:

Atualidade é a capacidade, pertinência de algo feito em outra época para os dias atuais. Atualização é o processo pelo qual trazemos algo importante do passado, adequando-o para nossos dias. Ora, a atualidade do texto bíblico não está atrelada somente a seu aspecto espiritual, mas também à sua extraordinária condição literária. Seja o realismo tal qual defendido por Auerbach, seja o realismo psicológico de Robert Alter, a Bíblia segue atual porque trata dos problemas existenciais, demasiadamente humanos. Já seu processo de atualização pode ser visto especialmente na segunda raiz do problema hermenêutico de Ricoeur: a passagem da palavra para o evento, para o discurso, no que chamamos de proclamação, de querigma. A atualização acontece especialmente aqui, uma vez que é necessário comunicar de modo que os ouvintes entendam (Dusilek 2020, n.p.).

⁴ É importante atentar-nos para o fato de que a hermenêutica não é, por si só, definidor de uma prática interpretativa específica, sendo necessário analisar o termo historicamente, como adverte Jean Grondin (1999, 09)

Nesse sentido, a atualidade da Bíblia não está sendo questionada: ela segue atual porque trata de problemas existenciais que fazem parte do ser humano em todos os tempos. No entanto, a proclamação da palavra, seu anúncio, só pode acontecer através de sua atualização. Ainda de acordo com o pastor Dusilek, a atualização acontece de maneira indiscutível e inevitável; sendo assim, só caberia discutir “os horizontes possíveis de tais atualizações” (Dusilek 2020 n.p.), pois os seus leitores possuem preconceitos que limitam a interpretação bíblica. Este diálogo deve ocorrer, porém, sem que se desqualifiquem as propostas divergentes como “hereges”.

Diante da grande polêmica levantada pelas divergências em torno da proposta de atualização da Bíblia pelo pastor Kivitz, a Comissão de Ética da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil pediu que Kivitz se explicasse. Assim, o pastor e teólogo elaborou um texto no qual desdobra o significado da atualização bíblica, intitulado *Sobre atualizar a Bíblia (in)suficiente*, publicado em 2021 e disponibilizado em seu site no formato e-book (Kivitz 2021a). Uma análise mais detida desse texto de justificação é estratégica para a composição de nossa argumentação.

ATUALIZAÇÃO DA BÍBLIA ENTRE FUNDAMENTALISMO E HISTORICIDADE

Após reproduzir o trecho integral do sermão que se tornou o centro da polêmica – o mesmo que mencionamos na introdução deste artigo –, Kivitz reafirma as suas palavras perante a acusação de heresia por parte significativa da comunidade evangélica. Nesse momento, o *topos* da história como “tribunal do mundo”⁵ é ativado pelo pastor, embora subordinando o julgamento da história (imperfeito) ao julgamento divino (perfeito). “A história não é perfeita juíza, mas suas páginas são implacáveis e se encarregam de ajustar contas. Deus, por sua vez, perfeito juiz, é quem me julga; a Ele me entrego e n’Ele descanso” (Kivitz 2021a, 4). Em seguida, o pastor deixa claro o que ele (*διξ que*) *não quis dizer* com a palavra “atualizar”. No contexto do presente dossiê, é relevante registrar que a primeira menção da palavra “atualizar” no livro de Kivitz faz referência aos aparatos e sistemas digitais – aliás, esse é exatamente o principal fator que, de acordo com a hipótese do atualismo, acelerou a frequência dos usos dessa mesma palavra no discurso público contemporâneo.

Atualizar, no campo semântico dos smartphones e dos aplicativos, pode indicar correção de imperfeição e aperfeiçoamento das versões anteriores, o que não se aplica evidentemente a um texto milenar considerado palavra de Deus – a Deus não se corrige, em Deus não se observa imperfeição (Kivitz 2021a, 5).

Se a atualização dos dispositivos digitais supõe a ação de corrigir e aperfeiçoar, então a palavra “atualizar” não poderia ser aplicada à Bíblia pois, do ponto de vista de um cristão, ela está imune a correções na medida que é a mensagem que transmite a palavra do ser perfeito. Nesse sentido, o pastor

⁵ Conforme o famoso verso de Friedrich Schiller em seu poema *Resignação*, de 1784: “a história do mundo é o tribunal do mundo”. Esse verso foi citado por Hegel nas suas lições sobre a filosofia da história. Para uma história dos usos do *topos* da história como tribunal do mundo, cf. Koselleck *et al.*, 2013 e Scott, 2020

argumenta que, em seu sermão, “as expressões ‘a Bíblia é insuficiente’ e ‘atualizar a Bíblia’ não referem à natureza do texto sagrado, sua origem, seus atributos e sua autoridade. Em nenhum momento coloco em discussão as convicções seculares da tradição cristã” (Kivitz 2021a, 6). Não sendo um ato de correção e aperfeiçoamento de algo imperfeito, nem tendo como objeto o texto bíblico ou a tradição cristã em si mesmas, o que Kivitz (diz que) quis dizer com a palavra “atualizar”? Resposta: um princípio hermenêutico que impõe uma tarefa à consciência do cristão, sob pena de se incorrer em uma apropriação literalista e fundamentalista das Escrituras. O fundamentalismo bíblico, na perspectiva de Kivitz, lê a Bíblia “como texto morto” (Kivitz 2021a, 7), como se o texto já tivesse dito tudo o que ele deveria e poderia dizer de uma vez para sempre.

Enquanto o fundamentalismo religioso nega a historicidade do texto bíblico, o pastor Kivitz busca reafirmá-lo, evocando o princípio hermenêutico da atualização. Atualizar, nesse segundo sentido, significa retomar e repetir algo que vem do passado (no caso, a Bíblia e sua autoridade), mas de tal maneira que essa repetição extraia a mensagem profunda do texto que transcende a sua literalidade, isto é, seu sentido implícito que excede o sentido explícito. Essa transcendência do sentido é postulada em dois níveis intercambiáveis: primeiro, na dualidade entre as “linhas” e “entrelinhas”, isto é, o sentido literal e a camada de sentido de profundidade do texto. E segundo, nas “transformações históricas que a palavra em sua forma inicial deu origem” (Kivitz 2021a, 7). Trocando em miúdos, Kivitz argumenta que a mensagem bíblica carrega consigo a potência de engendrar transformações efetivas no mundo, sendo que essa potência só pode ser ativada quando se considera as circunstâncias e os desafios próprios do contexto de cada leitor(a) em seu próprio momento histórico – o que, segundo o pastor, não anula a perenidade dos princípios contidos nas Escrituras. Por não aceitarem a historicidade própria à leitura em nome de uma alegada “atemporalidade” da Bíblia, os fundamentalistas religiosos, como chama Kivitz, incorrem não somente em erro teológico, mas também legitimam grupos ou movimentos que atentam contra os princípios básicos do cristianismo, tais como a cultura da supremacia branca nos EUA e o *Apartheid* na África do Sul.

Assim, Kivitz opera como um sentido de atualização que não se limita às formas tipicamente atualistas mas, antes, como um princípio hermenêutico que visa revelar e explorar a historicidade de todo ato de compreensão. Em outras palavras, Kivitz defende a atualização como um princípio hermenêutico que obriga o(a) cristã(o) a ler as Escrituras tendo em vista o contexto histórico de sua produção enquanto texto e, a partir dessa contextualização, delimitar o horizonte de referências que o sentido da mensagem bíblica pode revelar para a atualidade de cada novo contexto histórico em que se encontra o(a) leitor(a). Atualizar a Bíblia significa, portanto, ler a Bíblia considerando a dimensão da historicidade do texto e da situação histórica do(a) leitor(a) distanciado(a) no tempo:

Encontrar o sentido oculto, inclusive possivelmente para o próprio Paulo e demais autores bíblicos, é o que entendo por atualizar a Bíblia. Não significa, portanto, declarar a Bíblia ultrapassada, corrigir a Bíblia, ou escrever outra Bíblia. Atualizar a Bíblia é discernir o sentido daquilo que embora revelado na Bíblia, não esteve necessariamente no horizonte de consciência de seus autores e leitores originais (Kivitz 2021a, 15).

Os possíveis sentidos que não estavam no horizonte de consciência daqueles que escreveram os textos bíblicos está, no entanto, o tempo todo no horizonte da consciência divina, pois, segundo o pastor, uma nova ordem já estava preconizada no Evangelho (Kivitz 2021a, 11). Portanto, a atualização defendida pelo pastor batista continua sendo um ato de manutenção do passado (no caso, a mensagem bíblica) no presente. Mas o que muda é o objeto dessa manutenção: não a externalidade do nível literal do texto, mas o seu “sentido implícito”, a potência revolucionária contida na profundidade da mensagem. Em alguns momentos do seu opúsculo, Kivitz afirma que a Bíblia, em sua lógica sistemática (sentido implícito) instalou “bombas de tempo que implodiram o mundo onde os textos tiveram origem” (Kivitz 2021a, 9). Atualizar a Bíblia não significaria aperfeiçoá-la (como no atualismo) mas retomar e repetir essa potência explosiva do tempo na história. Atualizar aqui é reconhecer e efetivar essa potência que jaz latente no texto, requerendo um ato de interpretação não-litera, que se manifesta quando se estabelece o jogo entre a perenidade dos princípios bíblicos e a historicidade própria do(a) leitor(a) situado(a) no mundo histórico. Essas “bombas de tempo”, que irrompem na história para transformar as relações humanas no sentido da igualdade e da justiça – em oposição aos sistemas de discriminação e hierarquização de classe, gênero e raça – subjazem no texto de forma implícita e profunda, não na sua externalidade literal.

Atualizar a Bíblia significaria, do ponto de vista de Kivitz, preservar e repetir o significado da mensagem, mas não necessariamente a sua forma, pois existe uma diferença contextual-histórica entre o tempo em que a Bíblia foi escrita e o tempo de quem recebe o texto. Essa diferença, quando desconsiderada, distorce o conteúdo da mensagem. Atualizar a Bíblia seria assim uma atitude de repetição e preservação desse conteúdo, o que implicaria, segundo Kivitz, ir além da forma literal da mensagem.

O ato de atualizar, nesse sentido hermenêutico dado por Kivitz, supõe o ato de situar a Bíblia no contexto histórico de sua produção enquanto texto. Ao fazer isso, o crente está em melhor posição para *compreender* o sentido profundo da mensagem bíblica, que jaz em uma dimensão mais profunda que a sua literalidade explícita. É esse significado profundo o alvo principal da atualização; é ele que deve ser tomado como o horizonte de referência para que o cristão possa se inspirar na sua vida prática em uma conjuntura histórica radicalmente *diferente* dos tempos de Cristo. Essa linha de defesa permitiu a Kivitz articular a historicidade do texto bíblico e, ao mesmo tempo, reafirmar a sua validade supra-histórica. A compreensão da eternidade contida na mensagem bíblica requer considerar que essa mensagem excede a sua manifestação literal, pois esta última não pode deixar de ser limitada por circunstâncias históricas particulares, não universais – a língua, as instituições e as normas da época em que foram escritas. Atualizar, nesse sentido, indica que a Bíblia (como qualquer texto legado pelo passado) transmite um significado que excede e ultrapassa a sua literalidade tal como feita por um autor, estando sempre propenso a novas releituras.

Percebe-se assim que o conceito de atualização tem um sentido de afirmação da historicidade da realidade, mas que comporta uma ligeira diferença com relação ao conceito de contextualização. Ambos os conceitos expressam sentidos de historicização, mas o pastor Kivitz identifica uma diferença entre eles. Essa diferença é importante na retórica de Kivitz, pois ele, enquanto pastor, precisa reafirmar a crença na validade supra-histórica da autoridade bíblica. O que seu argumento faz é situar tal autoridade no conteúdo implícito da

mensagem e não em sua literalidade. Atualizar seria, assim, modificar a forma, mas preservando o conteúdo virtual/potencial do texto. Por isso:

A atualização é diferente da contextualização. Atualizar não significa necessariamente preservar o que foi dito em um texto bíblico. Pode significar inclusive dizer o que não foi dito ou desdizer o que foi dito em um texto isolado e historicamente datado, tendo em vista a preservação do significado mais amplo e oculto do que foi dito, levando-se em consideração inclusive tudo o mais que a revelação bíblica, hoje conhecida e compreendida em sua maior abrangência, disse a respeito do que foi dito. Atualizar implica dar consequência concreta aos sentidos ocultos do que foi dito. Atualizar implica a possibilidade de negar as linhas para afirmar as entrelinhas. Em outras palavras, desdizer “volte ao senhor que tem sobre você legítimo de direito, pois você é um escravo” (linhas), para dizer “aquele que era seu escravo é agora seu irmão amado, e, portanto, você deve libertá-lo da relação econômica que faz um ser humano ser considerado propriedade de outro ser humano” (entrelinhas). (Kivitz 2021a, 18).

Ou seja, se contextualizar significa remeter o conteúdo da mensagem ao seu contexto de enunciação, atualizar acrescenta algo mais: a identificação e efetivação da virtualidade potencial da mensagem, isto é, “as realidades presentes em potência” (Kivitz 2021a, 18) nos escritos bíblicos. Aqui o sentido de atualizar é remetido à clássica distinção metafísica entre ato e potência. Ou seja, o que se atualiza não é o que já foi atual um dia, mas a potência que envolve toda atualidade e que se manifesta no tempo, a cada vez. Atualizar, nesse sentido hermenêutico-histórico (não-atualista), significa repetir o passado para produzir uma novidade na história. É retomar e efetivar a cada vez a virtualidade potencial da mensagem, que embora permaneça no nível supra-histórico (pois não se restringe ao que efetivamente se atualizou em um dado momento da história), só se realiza efetivamente no mundo histórico concreto, de formas diferentes, sempre e a cada vez. Vale ressaltar que o supra-histórico aqui não se confunde com o a-histórico, isto é, a negação da historicidade, atitude dos fundamentalismos religiosos.

Esse significado de “atualizar” defendido por Ed René Kivitz se aproxima bastante do conceito de atualização elaborado por Hans-Georg Gadamer em *Verdade e Método* para se referir ao fato de que o sentido de um texto não se limita à reprodução do horizonte de significado doado pelo seu autor, mas envolve sempre a participação ativa e criativa de um leitor que, por sua vez, encontra-se em uma situação histórica própria e única. “Toda atualização na compreensão pode compreender-se como uma possibilidade histórica daquilo que é compreendido” (Gadamer 2015, 487). Assim, também para o hermenêuta alemão compreender um texto será sempre atualizá-lo, já que a compreensão se dá na forma de um diálogo vivo na fusão de horizontes entre um leitor e a tradição. Para Gadamer, a compreensão não significa a reprodução do sentido original, mas antes a produção de novas possibilidades de sentido que não eram possíveis em outros momentos ou situações hermenêuticas.

A hermenêutica gadameriana, no entanto, é vista como um problema pelo pastor Cremilson Meirelles, da Primeira Igreja Batista da Manoel Corrêa (Cabo Frio - RJ): segundo ele, este tipo de interpretação da Bíblia prioriza o entendimento do leitor e não a intenção original do autor do texto (Meireles 2021a, n.p.). Embora ele tenha feito essa crítica direcionada ao texto e aos vídeos publicados pelo pastor Kivitz, anteriormente ele já havia se manifestado contra métodos hermenêuticos adotados por outras igrejas batistas, cujos cultos se

assemelhavam às práticas neopentecostais, ou que aceitavam ordenar mulheres e acolhiam homossexuais como membros:

Acredito que qualquer denominação que reconheça a Bíblia como sua única regra de fé e prática não pode abraçar um método hermenêutico que contraria essa assertiva, como é o caso do método histórico-crítico, o qual enfraquece a autoridade das Escrituras com suas fontes infundáveis (Crítica da Fonte), manipulações de textos (Crítica da Redação) e de relatos (Crítica da Forma) (Meireles 2021b).

É interessante notar que, dentro de uma mesma denominação, a Batista, há uma diferença entre a compreensão do que seria uma atualização bíblica. O cientista político John C. Green distingue os protestantes históricos dos protestantes evangélicos, dentre outros fatores, pela sua forma de interpretar a Bíblia. Igrejas como a Batista ou a Metodista, exemplos do protestantismo histórico, tendem a ler a Bíblia como um documento histórico, que precisa ser reinterpretada em cada época para que possa transmitir a palavra de Deus; já as igrejas pentecostais e neopentecostais, como a Assembleia de Deus, tendem a aceitar a Bíblia como a Palavra de Deus e, por isso, inerrante, compreendendo-a de forma mais literal (Green 2004). No entanto, o pastor Meireles aponta para uma divisão dentro das Igrejas Batistas, que ocorreria devido à falta de entendimento da Bíblia como a verdade absoluta que deve servir de guia incontestável para a ação (Meireles 2021b). Dessa forma, percebe-se que a polêmica em torno de uma possível ou necessária atualização dos textos bíblicos não pode ser definida de acordo com as denominações evangélicas e suas práticas, pois dentro de uma mesma denominação a proposta causa divergências devido às diferentes compreensões da palavra “atualizar”.

A discordância sobre a necessidade de uma atualização dos textos bíblicos dentro de setores da própria Igreja Batista foi um dos fatores que levou ao desligamento do pastor Ed René Kivitz da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil - Seção São Paulo. O pastor Kivitz, embora tenha lamentado seu afastamento, disse que seguirá em sua proposta à frente da Igreja Batista de Água Branca, já que a Ordem não tem autoridade sobre essa Igreja nem sobre os pastores, e ressalta que seu desligamento não o qualifica (nem desqualifica) como herege. Para ele, ser batista é conviver com a diversidade. Diz ainda que seu desligamento reflete o momento brasileiro atual, em que há uma ruptura na Igreja Batista, mas que há muitas pessoas interessadas em atualizar o entendimento do Evangelho (Kivitz 2021b).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, “atualizar” se tornou um verbo muito mais presente no vocabulário contemporâneo a partir da popularização dos smartphones, seus gadgets e aplicativos, e nesse sentido essa palavra parece propor uma substituição de algo que está prestes a se tornar obsoleto por uma versão parecida, porém melhor. No entanto, mesmo antes da emergência das novas tecnologias de comunicação, essa palavra já podia ser interpretada de mais de uma maneira, como foi o caso das atualizações propostas e discutidas no Concílio Vaticano II - sendo algumas delas consideradas necessárias, outras heréticas, a depender de quem as definia. Nos últimos anos, com o aumento expressivo na frequência dos usos da palavra “atualização” no discurso

cotidiano, a necessidade de atualizar pode assumir outras facetas para além da modalidade tipicamente atualista, a qual se caracteriza pelas noções de aprimoramento, manutenção e automatismo. Quando uma atualização é proposta a um texto como a Bíblia, ela pode ter diversos significados: contextualização, adaptação da linguagem, abertura para questões do presente que não haviam sido cogitadas no momento de escrita do texto, e até mesmo pode ser entendida como uma “heresia”. E ainda, atualizar pode assumir um sentido hermenêutico-histórico específico, isto é, o de retomar e efetivar um sentido potencial e transformador que se revela quando a historicidade do texto e do(a) leitor(a) é assumida como uma condição da compreensão.

Por agregar essa diversidade de usos e significados, a palavra “atualização” tem ganhado proeminência crescente no discurso público, o que poderia talvez elevar a palavra à condição de um *conceito* - para lembrarmos da conhecida distinção de Koselleck (2006, p. 108) entre “palavra” e “conceito”. Dessa forma, o “caso Kivitz” reforça a percepção lançada em *Atualismo 1.0* sobre “o crescimento do campo semântico em torno da palavra *atualização*” (Araujo; Pereira 2018, 46). Ressalte-se que a polissemia da palavra-conceito transcende a oposição entre os defensores e detratores de Kivitz, pois mesmo entre esses últimos não aparece um sentido unívoco. Frente a essa variedade de atualizações exposta no caso Kivitz, seria duvidoso pretender definir um único sentido de atualização. Ainda assim, é possível identificar um traço comum entre as diversas manifestações apresentadas nesta seção, a saber, a palavra-conceito atualização transmite um sentido para o tempo histórico.

Atualizar é uma maneira de nos apropriar do tempo histórico, é uma forma de articular passado, presente e futuro, e que, sem prejuízo da sua plurivocidade, distingue-se de outros conceitos histórico-temporais como “rememorar”, “projetar” ou, como vimos, “contextualizar”. A atualização no campo religioso parece ser tanto uma estratégia de sobrevivência, como forma de não deixar que os ensinamentos bíblicos se tornem obsoletos, quanto uma forma de viabilizar futuros possíveis para a comunidade cristã - que pode se expandir ou diminuir de acordo com o tipo de atualização que se escolhe fazer: uma atualização que aceita incluir horizontes que não estavam presentes no contexto da escrita dos textos sagrados, ou uma outra que busca apenas atualizar a linguagem, mas não o conteúdo desses textos. Assim, a atualização da Bíblia não implica uma melhoria automática, como nos smartphones: suas vantagens e desvantagens dependerão dos sentidos tomados por essa palavra, e o pastor Kivitz parece ter aberto as portas para esta nova necessidade hermenêutica.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Valdeí. PEREIRA, Mateus. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018.
- BENTO XVI. Texto inédito publicado por ocasião do 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II. *Libreria Editrice Vaticana*, 2012. Disponível em <https://www.vatican.va/special/annus_fidei/documents/annus-fidei_bxvi_inedito-50-concilio_po.html>. Acesso em 14 set. 2022.
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *Os baluartes da tradição: a antimodernidade católica brasileira no Concílio Vaticano II*. 2009. 332f. (Tese de doutorado – Ciência da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, MG, 2009.

- CACERES, Michael. A Bíblia precisa de atualização? Pastores respondem heresia. *Gospel Prime*, 29 out. 2020. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/a-biblia-precisa-de-atualizacao-pastores-respondem-heresia/>>. Acesso em 14 set. 2022.
- DUSILEK, Sérgio. O que não falaram para você sobre a atualização da Bíblia. *Novos Caminhos, Velhos Trilhos*, 16 de dezembro de 2021. Disponível em <<https://sergiodusilek.wordpress.com/2021/12/16/o-que-nao-falaram-para-voce-sobre-a-atualizacao-da-biblia/>> Acesso em 14 set. 2022.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- GOSPEL PRIME. Victor Azevedo defende Ed René Kivitz. *Twitter*, 28 de outubro de 2020. Disponível em <https://twitter.com/gospelprime/status/1321619856102461440?s=20&t=nyNXvjQ2D_v6L_skobOFrQ> Acesso em 14 set. 2022.
- GREEN, John C. Interview. *PBS*, 29 de abril de 2004. Disponível em <<https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/jesus/interviews/green.html>> Acesso em 14 set. 2022.
- GRONDIN, Jean. Introdução à hermenêutica filosófica. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.
- IX ANIVERSÁRIO da coroação de Sua Santidade. *Libreria Editrice Vaticana*, 1972. Disponível em <https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629.html> Acesso em 14 set. 2022.
- JOÃO XXIII. *Constituição Apostólica Humanae Salutis para a convocação do Concílio Vaticano II*. Vaticano, 1961. Disponível em <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html> Acesso em 14 set. 2022.
- KIVITZ, Ed René. Cartas vivas contra letras mortas. *Oficialibab*, 25 de outubro de 2020a. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QIgaENPto2U>> Acesso em 14 set. 2020.
- KIVITZ, Ed René. Movimento Casa. *Oficialibab*, 29 de outubro de 2020b. YouTube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gfBzIL0ETwg>> Acesso em 14 set. 2022.
- KIVITZ, Ed René. *Sobre atualizar a Bíblia (in)suficiente*. [recurso eletrônico]. 2021a. Disponível em <<https://edrenekivitz.com/atualizar>> Acesso em 14 set. 2022.
- KIVITZ, Ed René. Sobre o meu desligamento da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil/SP. *Ed René Kivitz*, 03 de dezembro de 2021b. YouTube Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=m2ivGEMK2rE&t=49s>> Acesso em 15 set. 2022.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto : Ed. PUC-Rio, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart, et al. *O conceito de história*. Trad. René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- MALAFAIA, Silas. Uma resposta à heresia! A Bíblia precisa ser atualizada? *Silas Malafaia Oficial*, 2020. YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JcJ3Q6d7SWo&feature=emb_imp_woyt> Acesso em 14 set. 2022.
- MAYER, Antônio de Castro. Carta Pastoral “Aggiornamento” e Tradição. 1971. *Fraternidade Sacerdotal São Pio X*, 2009. Disponível em <<https://www.fssp.com.br/carta-pastoral-aggiornamento-e-tradicao/>> Acesso em 14 set. 2022.

- MATA, Sérgio da. A teologia política do governo Bolsonaro. *In*: KLEIN, Bruna; ARAUJO, Valdeí; PEREIRA, Mateus. *Do fake ao fato*: (des)atualizando Bolsonaro. Vitória: Editora Milfontes, 2020, p. 53-69.
- MEIRELLES, Cremilson. Linhas e Entrelinhas: Uma análise das controvérsias em torno da exclusão do pastor Ed René Kivitz da OPPB-SP. *ADIBERJ*, 09 de dezembro de 2021a. Disponível em <<https://adiberj.com.br/linhas-e-entrelinhas-uma-analise-das-controversias-em-torno-da-exclusao-do-pastor-ed-rene-kivitz-da-oppb-sp/>> Acesso em 14 set. 2022.
- MEIRELLES, Cremilson. Quando a bíblia deixa de ser a única regra. *ADIBERJ*, 11 de junho de 2021b. Disponível em <<https://adiberj.com.br/quando-a-biblia-deixa-de-ser-a-unica-regra/>> Acesso em 14 set. 2022.
- MENDES, Breno. Psicanálise, hermenêutica e o problema do sentido: Ricoeur leitor de Freud. *rth* |, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 127–146, 2021. DOI: 10.5216/rth.v23i2.65234
- MORI, Geraldo de. O aggiornamento como categoria teológica. *Didaskalia*, v. 42, n. 2, p. 13-28, 1 jun. 2012. Disponível em <<https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2321>> Acesso em 14 set. 2022.
- OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. *Revolução e Contra-Revolução*. 4ª edição, Artpress, São Paulo, 1998.
- OLIVEIRA, Ismael. Bíblia: sua atualidade em tempos modernos. *Outra Frequência*, 18 de novembro de 2020. Disponível em <<https://laboutrafrequencia.com.br/teologia/biblia-sua-atualidade-em-tempos-modernos/>> Acesso em 14 set. 2022.
- PETERLEVITZ, Luciano. A importância da contextualização da Bíblia. *Pastor Luciano Robson Peterlevitz*, 11 de novembro de 2020. Disponível em <<http://www.lucianopeterlevitz.com.br/526/>> Acesso em 14 set. 2022.
- PR. LUCAS. Nunca vi seguidor de Maomé dizer que suas profecias estão desatualizadas. *Pleno News*, 29 de outubro de 2020. Disponível em <<https://pleno.news/opiniao/pr-lucas/nunca-vi-seguidor-de-maome-dizer-que-suas-profecias-estao-desatualizadas.html>> Acesso em 14 set. 2022.
- RAMALHO, Walderez. *A experiência do momento histórico: tempo-kairós*, escrita de manifestos e estado de crise. Vitória: Editora Milfontes, 2022.
- REGA, Lourenço. A Bíblia precisa ser atualizada? *Teologia Brasileira*, 10 de novembro de 2020. Disponível em <<https://teologiabrasileira.com.br/a-biblia-precisa-ser-atualizada/>> Acesso em 14 set. 2022.
- ROY-LYSENCOURT, Philippe. O *Coetus Internationalis Patrum* no Concílio Vaticano II: apresentação e resultados de uma pesquisa. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 1051-1079, abr./jun 2015.
- SCOTT, Joan. *On the Judgment of History*. Nova York: Columbia University Press, 2020.
- SPYER, Juliano. *Povo de Deus: quem são os evangélicos e porque eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

Atualizar é heresia? Disputas em torno da palavra "atualização"
no Campo Evangélico Brasileiro (2020-2021)
 Artigo recebido em 15/09/2022 • Aceito em 28/11/2022
 DOI | doi.org/10.5216/rth.v25i2.74064
 Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado